

## **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: CONTEXTO HISTÓRICO E SUAS PESQUISAS**

*EVALUATION OF SCHOOL LEARNING: HISTORICAL CONTEXT AND ITS RESEARCH*

*EVALUACIÓN DEL APRENDIZAJE ESCOLAR: CONTEXTO HISTÓRICO Y SU INVESTIGACIÓN*

**Daniele Borges**

Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora Substituta da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: daniele.uab@gmail.com

**Gionara Tauchen**

Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: giotachen@gmail.com

**Veronica Cunha Barcellos**

Mestranda em Educação. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora da Rede Pública Estadual – RS. E-mail: veronicacunhabarcellos@gmail.com

### **RESUMO**

Os estudos acerca da avaliação da aprendizagem têm contemplado diversos aspectos e fatores que incidem na atividade docente. Objetivando investigar e compreender os elementos associados à questão da avaliação praticada na escola, examinamos a produção científica relacionada à base de dados do SciELO sobre a produção acadêmica na Educação Básica sobre avaliação da aprendizagem, manuseando como procedimento metodológico o estudo do Estado da Arte. Foram utilizados como descritores: Avaliação da Aprendizagem, Avaliação Educacional, Avaliação Mediadora. Essa abordagem permite compreender quais são os entendimentos mais recorrentes sobre avaliação da aprendizagem em relação à aprendizagem do aluno, pois esta potencializa a compreensão do problema não pela via da fragmentação, mas da reintegração dos saberes. Desse modo, com base nessa pesquisa o conjunto de trabalhos analisados nos possibilitou um olhar mais observador e diversificado com relação à avaliação como um campo abrangente divididas em subáreas (GATTI, 200) com características diferenciadas, como a avaliação: escolar, institucional, da aprendizagem e mediadora, levantando questões sobre os objetivos da prática avaliativa e docente que fazem parte da ação pedagógica. Alcançamos uma visão complexa da avaliação da aprendizagem, institucional e educacional, na interação da avaliação com os sujeitos do processo avaliativo.

**Palavras-chave:** Avaliação da aprendizagem. Estado da Arte. Professor.

#### ABSTRACT

The studies about learning assessment have considered several aspects and factors that affect teaching activity. Aiming to investigate and understand the elements associated with the assessment practiced in schools, the authors examined the scientific production related to the SciELO database on Basic Education learning assessment by studying the State of Art as a methodological procedure. The descriptors used were Learning Assessment, Educational Assessment and Mediator Assessment. Such approach allows the understanding of what are the most common learning assessment aspects when it comes to students' learning. It helps understanding the issue not through fragmentation but by reintegrating knowledge. Thus, the following study, based on the set of papers analyzed, made possible a more detailed and broaden point of view, which considers assessing as a comprehensive aspect divided in subareas (GATTI, 200). They have specific characteristics like school, institutional, learning and mediator assessment. It raises issues regarding the objectives of teacher and practice assessment. It all shows a complex view of educational, institutional and learning assessment within the interaction of assessment along with the assessment process subjects.

**Keywords:** Evaluation of Learning. Student. Teacher

#### RESUMEN

Los estudios sobre la evaluación del aprendizaje han contemplado diversos aspectos y factores que inciden en la actividad docente. Con el objetivo de investigar y comprender los elementos asociados a la cuestión de la evaluación practicada en la escuela, examinamos la producción científica relacionada a la base de datos del SciELO sobre la evaluación del aprendizaje, manejando como procedimiento metodológico el estudio del Estado del Arte. Este análisis permite analizar la evaluación del aprendizaje en relación al aprendizaje del alumno, pues ésta desarrolla la comprensión del problema no por la vía de la fragmentación, sino de la reintegración de los saberes. Es decir que, se aproxima a una visión compleja de la evaluación del aprendizaje, institucional y educacional, en la interacción de la evaluación con los sujetos del proceso evaluativo.

**Palabras-clave:** Evaluación del aprendizaje. Alumno. Profesor.

#### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A avaliação da aprendizagem vem assumindo um importante papel em diversas áreas da educação, sendo considerada por muitos pesquisadores o centro da discussão e dos debates na educação, no que diz respeito ao seu papel, seus objetivos e instrumentos utilizados e a sua efetivação como políticas públicas, principalmente nas avaliações externas, do sistema educacional.

No entanto, percebe-se que este tipo de discussão e debate sobre a avaliação da aprendizagem não está presente nas práticas pedagógicas dos docentes dos cursos de formação de professores. Fato preocupante, pois nesse espaço é que deveria ocorrer a reflexão conjunta, o questionamento e o estudo aprofundado sobre o que é avaliação da aprendizagem, como se avaliar e qual importância dessa tarefa.

Buscando contribuir com os esforços em compreender a evolução desse campo do

conhecimento, o objetivo do presente artigo foi compreender as principais contribuições e preocupações teóricas da literatura educacional focadas na área da avaliação da aprendizagem nos cursos de formação de professores da Educação Básica, bem como analisar e identificar as concepções e as experiências avaliativas dos estudantes e dos professores adotadas por eles.

Além disso, abordamos a história da Avaliação da aprendizagem escolar, procurando analisar, conforme o contexto, as diversas influências históricas que a concepção de avaliação da aprendizagem se constituiu e como ela vem sendo trabalhada nos cursos de formação docente.

Nos últimos tempos, pode-se constatar que a avaliação da aprendizagem tem sido alvo de muitas críticas nas produções acadêmicas que abrangem este tema. Ressaltando que toda prática avaliativa envolve e permeia a realidade escolar, e que este é o espaço em que o professor atua, sendo também um território institucional e de mediação social que revela em seu interior relações sociais e políticas, valores e ideologias que constituem as práticas docentes. Por isso é importante conhecer a realidade e o cotidiano escolar, pois essas condições institucionais são constituídas, singularmente, e segundo Penin (1995, p. 161): [...] sendo conhecido é possível conquistá-lo e planejar ações que permitam transformá-lo, assim como lutar por mudanças institucionais no sentido desejado. [...] pela ação dos professores e de outros profissionais que na escola trabalham, convivem e se relacionam.

### **Avaliação da aprendizagem: compreensões iniciais**

Ao abordamos o termo “avaliar”, imediatamente relacionamos com a realização de provas ou exames, conceder notas ou conceitos e evidentemente ao ato de reprovar ou aprovar um aluno, no entanto o conceito de avaliação de aprendizagem é bem mais profuso, devendo ser analisado como um processo contínuo e sistemático no ato educativo, que envolve uma ação dinâmica e constante no processo de ensino e aprendizagem (HADYT, 1988). Assim, o ato de avaliar passa da ideia de um ato isolado para a ideia de um ato social, deixando de ter seu foco no desempenho individual, onde o sujeito sozinho é responsável pela sua aprendizagem, e passa a ter seu foco na construção coletiva da aprendizagem

desse sujeito. Para tanto, destaca-se neste texto alguns conceitos de avaliação fundamentada por vários autores, entre eles Hoffmann, Luckesi, Perrenoud, Melchior entre outros.

Começamos com Luckesi (2002), que traz para discussão a questão da avaliação diagnóstica, que é composta por uma análise, projeção e retrospectiva do desenvolvimento do aluno, oferecendo-lhe elementos para investigar o que aprendeu e como aprendeu, com o sentido de intervir na busca dos melhores resultados do processo de aprendizagem dos alunos. Seu conceito reitera que a avaliação é um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão. E argumenta sobre a teoria do erro. Qualificando o erro no processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo-o como integrante e essencial ao processo de aprender, ele não deve ser entendido como falha na aprendizagem, mas sim como início dela (Luckesi, 2011, p.137) “[...] o erro não é fonte de castigo, mas suporte para o crescimento”. A partir das compreensões e dos novos conhecimentos, produzimos novas dúvidas e novos erros.

Nesse sentido e em concordância com Perrenoud (1993) a avaliação não se restringe exclusivamente ao ato de avaliar as aprendizagens com o objetivo de apenas classificar ou apontar os erros do educando, mas para também, este mesmo sujeito “[...] estar permanentemente descobrindo em que nível de aprendizagem se encontra, [...], adquirindo consciência do seu limite das necessidades de avanço.” (1993, p.83). E ainda, que o professor possa refletir e analisar sobre “[...] o quanto o seu trabalho está sendo eficiente [...]” (LUCKESI, 2002, p.83). Perrenoud (1993, p.173) coloca ainda que a aprendizagem não se caracteriza por uma linha reta, única e pronta, mas que “[...], procede por ensaios, por tentativas e erros, hipóteses, recuos e avanços [...]” no processo de ensino e aprendizagem.

Ou seja, os diversos significados atribuídos à avaliação como se refere Chueiri (2008, p.49) “[...] estão intimamente relacionadas às concepções de educação [...] [são, portanto] [...] orientadoras das práticas pedagógicas que vêm ocorrendo desde que a escola foi instituída como espaço de educação formal. ”

Portanto Perrenoud (1993, p.173) define a avaliação como o processo que:

[...] ajuda o aluno aprender e o professor a ensinar. A ideia base é bastante simples: a aprendizagem nunca é linear, procedem por ensaios, por tentativas e erros, hipóteses, recuos e avanços: um indivíduo aprenderá melhor se o seu meio envolvente for capaz de lhe dar respostas e regulações sob diversas formas [...].

Então, a segunda concepção de avaliação apresentada é referente a autora Jussara Hoffmann (1993). Para ela a avaliação é própria e inseparável da aprendizagem quando idealizada como, questionamento e reflexão sobre a ação. A avaliação é reflexão transformada em ação, ação essa que nos impulsiona para novas ponderações. É o pensamento permanente do professor sobre sua realidade, é o acompanhamento passo a passo do educando, durante sua trajetória de construção de conhecimento. O professor que não avalia constantemente a ação educativa, no sentido indagativo, investigativo do termo, instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais.

O pensamento da autora enfatiza a avaliação como uma prática mediadora do processo de ensino e de aprendizagem. A avaliação mediadora se desenvolve em proveito do aluno e ocorre quando o diálogo é constituído entre quem educa e quem é educado. Nesta concepção de avaliação, cabe ao professor informar, através do diálogo, o processo de aprendizagem do seu aluno. E este diálogo pode-se dar de várias formas, como, através de conversas, comentários escritos nos trabalhos ou relatórios dos alunos.

Como afirma a autora Hoffmann, (2003, p. 116): “a avaliação, enquanto relação dialógica vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão”.

Já Villas Boas nos traz a concepção de avaliação formativa que concebe o ato de avaliar tanto na trajetória de construção das aprendizagens e dos conhecimentos dos alunos, como também no trabalho pedagógico do professor, pois permite analisar de maneira frequente e interativa, o progresso dos alunos, Villas Boas (2006, p.4-5) e “[...] para identificar o que eles aprenderam e o que ainda não aprenderam, para que venham a aprender e para que reorganizem o trabalho pedagógico”.

Essa avaliação opõe-se a concepção somativa do processo avaliativo, pois propõe que as diferenças dos alunos sejam levadas em conta e que o trabalho do professor se adapte de acordo com a necessidade de cada um, analisando o aluno no todo, não só dos critérios da avaliação, considerando seu esforço, progressos e avanços nas aprendizagens adquiridas ao longo do processo. A avaliação formativa pretende contribuir para o desen-

volvimento das aprendizagens e o encorajamento dos alunos observando suas circunstâncias individuais, posto que ela não é baseada unicamente em critérios pré-estabelecidos, portanto a avaliação formativa engloba todas as dimensões da aprendizagem do aluno: cognitiva, afetiva e psicomotora (VILLAS BOAS, 2009).

Com base nas ideias acima, entendemos que a avaliação formativa promove o desenvolvimento não só do aluno, mas também do professor e da instituição escolar, segundo Villas Boas (2009, p.185) “abandona-se a avaliação unilateral (pela qual somente o aluno é avaliado e apenas pelo professor), classificatória, punitiva e excludente, porque a avaliação pretendida compromete-se com a aprendizagem e o sucesso de todos os alunos”.

Então pôr em prática essas concepções de avaliação: diagnóstica, mediadora e formativa não é tarefa fácil porque professores, alunos e pais ainda estão condicionados a avaliação tradicional, mas como executar essas ideias depende dos sujeitos que compõe as instituições escolares, em específico o professor, que apresenta na sua formação uma grande lacuna em relação às práticas avaliativas (TARDIFI, 2002), portanto uma das saídas para efetivar esse novo modelo de processo avaliativo centra-se diretamente na formação continuada dos profissionais da educação. Portanto Villas Boas (2009, p. 210) coloca que essas são “condições básicas para que a escola seja capaz de construir a proposta pedagógica que atenda às necessidades de formação do cidadão e do futuro trabalhador que possa ter inserção social crítica”.

### **Abordagem metodológica**

O desenvolvimento deste estudo fez-se através de pesquisa da abordagem “Estado da Arte”, definida por Ferreira (2002) como bibliográfica, com objetivo de: “[...] mapear e analisar certa produção acadêmica.” (FERREIRA, 2002, p.258). Esta metodologia visa replicar quais os aspectos vêm sendo retratados e priorizados dentro da área pesquisada. A base de dados utilizados foi a da *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* no período entre 2006 e 2016. O processo de investigação dos artigos foi realizado por meio dos seguintes descritores Avaliação da Aprendizagem, Avaliação Educacional, Avaliação Mediadora.

Definidos por meio da contagem, os descritores que apareceram com maior recorrência foram explícitos na figura abaixo:

Foram encontrados 34 artigos, cooptados a partir dos três descritores. As informações foram organizadas em uma tabela, separadas por descritores e o número de trabalhos encontrados.

Tabela 1: Artigos encontrados

Descritores	Localizados	Selecionados
Avaliação da Aprendizagem	30	15
Avaliação Educacional	04	03
Avaliação Mediadora	0	0
Total De Trabalhos	34	18

Fonte: Elaborada pelas Autoras

Depois deste processo, organizamos, para fins de discussão dos principais conceitos, o agrupamento dos artigos em dois blocos: o primeiro, referente às concepções de avaliação (aprendizagem, escolar e institucional) e do professor como agente avaliador e o segundo diz respeito à questão da avaliação e seus instrumentos.

### Análise dos dados

Após realizarmos a “*leitura flutuante*” (BARDAIN,2011) dos artigos e com base na análise dos títulos que vinculavam o seu conteúdo ao tema investigado. Identificamos que 38 deles não abordavam a questão da avaliação na área dos descritores selecionados, com exceção na área de Avaliação Mediadora, pois não foi encontrado nenhum artigo. Sendo assim, foram escolhidos para leitura 18 artigos, que traziam nas palavras-chave termos relacionados aos descritores selecionados para análise.

Tabela 2: Artigos lidos na íntegra

Fonte: Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Título	Autor	Volume	Nº	PP	Ano
<b>Descritor: "Avaliação da Aprendizagem"</b>					
O Futuro Das Políticas De Responsabilização Educacional No Brasil.	Nikel Brooke	36	128	377-401	2006
Qual Pedagogia Para Aos Alunos Em Dificuldade Escolar	Marcel Crahay	37	130	181-208	2007
Estudantes E Avaliação Da Universidade: Um Estudo Conjunto Brasil-Portugal.	Denise Leite	37	132	661-686	2007
Marcos Interpretativos Da História Da Avaliação E Sua Expressão No SENAC-SP.	Sonia Regina Giusti e Jairo de Araújo Lopes	12	04	739-750	2007
Da Avaliação Da Aprendizagem À Avaliação Institucional: Aprendizagens Necessárias.	Mara Regina Lemes Sordi e Menga Ludke,	14	2	313-336	2009
A Avaliação Da Aprendizagem Como Um Ato Amoroso: O Que O Professor Pratica?	Ana Lúcia Gomes Cavalcanti; Aquino Neto e Josefa De Lima Fernandes	25	2	223-240	2009
Mapas Conceituais Como Ferramenta De Avaliação Na Sala De Aula.	Paulo Rogério Miranda Correia; Amanda Cristina da Silva, e Jeferson Geraldo Romano Junior	32	4	4402-	2010
Mapa Conceitual: Seu Potencial Como Instrumento Avaliativo.	Nadia Aparecida De Souza E Evely Boruchovitch,	21	3	173-192	2012
Avaliação Do Aprendizado Discente: Estudo Com Professores De Escolas Públicas.	Wagner Bandeira Andriola	-	46	141-158	2012
Avaliação Educacional E Modelos De Valor Acrescentado: Tópicos De Reflexão.	Maria Eugénia Ferrao	33	119	455-469	2012
Sistema Nacional De Educação Básica: Nó Da Avaliação?	Carlos Augusto Abicalil	23	80	253-274	2002
O Ideb: Limites E Ilusões De Uma Política Educacional.	Luana Costa Almeida, Adilson Dalben e Luiz Carlos De Freitas	34	2	1153-1174	2013
Avaliação, Qualidade E Equidade.	Carlinda Leite e Preciosa Fernandes	19	2	421-438	2014
Da Avaliação Da Aprendizagem À Avaliação Institucional: Aprendizagens Necessárias.	Mara Regina Lemes Sordi e Menga Ludke	20	2	467-487	2015
Avaliação Da Aprendizagem Na Educação Superior: A Produção Científica Da Revista Estudos Em Avaliação Educacional Em Questão.	Heloísa Poltronieri e Adolfo Ignacio Calderon,	37	136	669-683	2016
Título	Autor	Volume	Nº	PP	Ano
<b>Descritor: "Avaliação Educacional"</b>					
Avaliação do ensino: modelo de análise da série histórica de resultados	Arnaldo Lemos Filho	21	01	221-245	2016
Percepções docentes sobre avaliação da qualidade do ensino na Educação Superior.	Cynthia Bisinoto e Leandro Almeida	25	96	652-674	2017
Avaliação do processo ensino-aprendizagem: seu significado para o aluno de ensino médio de enfermagem	Marcos Antonio da Eira Frias e Regina Toshie Takahashi	36	2	156-163	2002

Elaborada pelas Autoras

Tabela 3: Artigos selecionados para o Estado da Arte

Fonte: Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Título	Autor	Volume	Nº	PP	Ano
<b>Descritor: "Avaliação da Aprendizagem"</b>					
Da Avaliação Da Aprendizagem À Avaliação Institucional: Aprendizagens Necessárias.	Mara Regina Lemes Sordi e Menga Ludke,	14	2	313-336	2009
A Avaliação Da Aprendizagem Como Um Ato Amoroso: O Que O Professor Pratica?	Ana Lúcia Gomes Cavalcanti; Aquino Neto e Josefa De Lima Fernandes	25	2	223-240	2009
Avaliação Da Aprendizagem Na Educação Superior: A Produção Científica Da Revista Estudos Em Avaliação Educacional Em Questão.	Heloísa Poltronieri e Adolfo Ignacio Calderon,	25	46	669-683	2016
Título	Autor	Volume	Nº	PP	Ano
<b>Descritor: "Avaliação Educacional"</b>					
Avaliação e Políticas Públicas em Educação	Érika Simone de Almeida Carlos Dias	25-	94	01-06	2017

Com base nas pesquisas desenvolvidas, no campo da Avaliação, abordaremos os diferentes entendimentos sobre avaliação da aprendizagem, avaliação escolar, a prática avaliativa do professor e a avaliação praticada na escola.

### Concepções de Avaliação (Aprendizagem, Escolar e Institucional) na Prática Docente

A origem da palavra avaliar é originária do latim e provém da composição *a - valere*, que significa “*dar valor a....*” (LUCKESI, 2000). Sob o olhar educativo, avaliar se refere a “[...] processos de construção de sentidos e conhecimentos sobre sujeitos, objetos ou coisas, atividades e instituições, colocados em relação educativa ou profissional durante determinado período de tempo.” (LEITE apud MOROSINI, 2006, p.461)

A avaliação da aprendizagem como processo deve buscar a inclusão e não a exclusão dos educandos. Portanto, o professor ao avaliar o aluno, deve levantar dados, analisá-los e sintetizá-los, de forma objetiva, possibilitando o diagnóstico dos fatores que interferem no resultado da aprendizagem (LIBÂNEO, 1994).

Tabela 4: Artigos vinculados à Avaliação e o Professor como agente avaliador

Fonte: Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Título	Autor	Volume	Nº	PP	Ano
<b>Descritor: “Avaliação da Aprendizagem”</b>					
Da Avaliação Da Aprendizagem À Avaliação Institucional: Aprendizagens Necessárias.	Mara Regina Lemes Sordi e Menga Ludke,	14	2	313-336	2009
A Avaliação Da Aprendizagem Como Um Ato Amoroso: O Que O Professor Pratica?	Ana Lúcia Gomes Cavalcanti; Aquino Neto e Josefa De Lima Fernandes	25	2	223-240	2009
Avaliação Da Aprendizagem Na Educação Superior: A Produção Científica Da Revista Estudos Em Avaliação Educacional Em Questão.	Heloísa Poltronieri e Adolfo Ignacio Calderon,	25	46	669-683	2016
Título	Autor	Volume	Nº	PP	Ano
<b>Descritor: “Avaliação Educacional”</b>					
Avaliação e Políticas Públicas em Educação	Érika Simone de Almeida Carlos Dias	25-	94	01-06	2017

Elaborada pelas Autoras

O artigo de Neto e Aquino (2009) aborda as concepções de avaliação da aprendizagem como um ato amoroso baseadas nas ideias do autor e professor Cipriano Carlos Luckesi. Para iniciar a reflexão desta pesquisa, fazemos uso das palavras de Luckesi que “define a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo” (2014, p.171), onde o avaliador expressa a situação como ela é, tanto para o bem como para o mal”.

A avaliação da aprendizagem escolar é um processo contínuo que visa buscar informações, para se investir na melhoria do aprendizado do aluno. Ela deve fazer um resgate do que foi apreendido. Ela pode ser definida como um meio de que o professor dispõe de obter informações a respeito dos avanços e das dificuldades dos alunos, constituindo-se como um procedimento permanente, capaz de dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem, no sentido de contribuir para o planejamento de ações que possibilitem ajudar o aluno a prosseguir sempre (HOFFMANN, 1993).

Portanto (Luckesi,2005) com base no que caracteriza a avaliação da aprendizagem e na observação do que acontece nos nossos sistemas escolares, podemos considerar que, o que se pratica não é avaliação e sim exames, uma vez que as dificuldades apresentadas pelos alunos não são diagnosticadas para subsidiar uma intervenção adequada, mas são classificadas, tendo em vista a aprovação ou a reprovação. Para o autor, “a prática do exa-

me, devido a operar com os recursos de aprovação/reprovação, obrigatoriamente conduz à política da reprovação, que tem se manifestado como o mais consistente alibi para o fracasso escolar” (LUCKESI, 2005, p. 19).

A avaliação influencia diretamente a aprendizagem do aluno sempre que for colocada com o intuito de classificar, julgar e excluir. Avaliar não é somente constatar ou examinar, mas, sim analisar, interpretar, tomar decisões e reorganizar o ensino (Silva, 2002) sempre com caráter contínuo buscando identificar e diagnosticar as dificuldades encontradas pelos alunos proporcionando ao professor situações para que estas dificuldades sejam superadas.

O artigo de Dias (2017) traz para discussão aspectos da avaliação educacional e sua preocupação com as avaliações externas. Avaliação educacional: refere-se a objetivos educacionais e como eles são efetivamente atingidos. A avaliação indica o grau que as tarefas e metas traçadas foram atingidas, levando em conta todo o processo, e qual impacto o resultado obteve, associando o sucesso ou insucesso dos resultados alcançados (DIAS, 2017).

A avaliação educacional apresenta duas realidades. A primeira é que ela acontece num contexto político, pois tem como objetivo emitir um parecer dos resultados, para uma possível tomada de decisão, podendo ou não, legitimar programas ou produções e a segunda, implica na melhoria do processo educacional.

Portanto Dias (2017) percebe um grande aumento das avaliações externas nos últimos anos, tanto as institucionais como as individuais. Ele afirma que essas avaliações são preocupadas exclusivamente com o aumento de índices, estruturadas por metodologias aplicadas para produção de medidas, desenvolvidas a partir de provas e testes padrões, com o único objetivo de medir e classificar o desempenho de alguém ou de alguma instituição.

Partindo destas políticas neoliberais, as avaliações externas geram inúmeros relatórios e estatísticas que informam sobre a eficácia das escolas. Um conjunto de medidas (quase sempre ligadas ao desempenho dos alunos) é produzido com a pretensão de informar, de modo comparativo e classificatório, como se distribuem as escolas no cenário educacional e, a partir destes dados, o processo de definição de políticas públicas acontece

e informa a sociedade e o mercado concentram as ilhas de excelência educacional

Os autores do artigo observaram que os resultados das avaliações externas têm definido políticas públicas e as prioridades no processo de alocação de verbas, via ranqueamento de escolas, professores, alunos, de forma descontextualizada. Elas tendem a ser reforçadores da cultura da “avaliação-medida” centrada e sujeita a recompensas e punições. Isso reforça a postura defensiva frente à avaliação, pois os professores ressentem-se dos resultados que, direta ou indiretamente, apontam-nos como responsáveis pelo fraco desempenho dos alunos nos exames de proficiência.

Os estudos de Sordi e Ludke (2009) tecem uma análise da avaliação como um dos saberes essenciais para a prática docente conceituando avaliação institucional participativa e avaliação da aprendizagem.

A avaliação é uma categoria construtiva do trabalho pedagógico, desvendar seu modo dentro e fora da sala de aula e da escola é um mal necessário. Ela pode ser classificada em institucional, educacional e da aprendizagem.

A avaliação institucional está ligada a fatores que vão além dos muros escolares, que não podem ser esquecidos, como os processos de aprendizagem dos alunos, a partir do momento que traz para discussão situações problematizadoras da sala de aula, potencializando o compromisso dos professores com o direito de aprender dos alunos. E apresenta duas realidades. A primeira é que ela acontece num contexto político, pois tem como objetivo emitir um parecer dos resultados, para uma possível tomada de decisão, podendo ou não, legitimar programas ou produções; e a segunda, implica na melhoria do processo educacional.

A Avaliação institucional ou AIP<sup>1</sup>, num contexto político, faz uma releitura da realidade escolar a partir de sua clientela. Tenti Fanfani (2008, p.171) alerta que “o conhecimento é uma riqueza estratégica, cuja distribuição não é igualitária. A escola é necessária para garantir, ao menos, as primeiras aprendizagens consideradas estratégicas para que os estudantes possam continuar aprendendo ao longo de suas vidas”. Com a democratização da educação e o acesso das crianças a escola (LDBEN, 9.394/96) cabe a instituição escolar e ao professor formularem um projeto pedagógico comprometido e que seja capaz de

1 AIP – Avaliação Institucional Participativa

envolver todos no processo de ensino e aprendizagem dos seus “atores locais” (SORDI e LUDKEN, p.16, 2009).

Ainda em relação avaliação institucional participativa (AIP), os autores defendem que os projetos potencializem a adesão dos atores da escola na qualificação do ensino, inserindo-os, inclusive, na formulação das metas, regras e ou estratégias que orientam e impulsionam o agir da escola rumo à superação de seus limites. Logo, instituir processos de avaliação mais abrangentes no território escolar pode ser compreendido como decisão, no mínimo, poupadora de energia dos atores, recanalizando os esforços da comunidade na perspectiva de gerar alguma eficácia social (SORDI e LUDKEN, 2009).

A Avaliação institucional é importante na melhoria do processo educacional para que o professor entenda a escola como um sistema social complexo, composto por vários indivíduos de pensamentos diferentes, mas que devem partilhar de um mesmo projeto, e que ele perceba seu protagonismo e responsabilidade na construção de um projeto de escola. Não adianta mudar as formas de avaliar se não mudarmos as práticas escolares. O professor deve ser avaliado também, para que assim ele construa uma relação mais madura com todo o processo de avaliação, mas estes conceitos devem ser aprendidos no decorrer dos cursos de formação de docentes e não apenas quando eles ingressam no sistema escolar. O que se entende por uma escola de qualidade, afinal? Cabe desvendar o que isso pretende significar e o quanto representam de avanço rumo à melhoria da escola. Esta é uma questão compreensivelmente polêmica (SORDI e LUDKE, 2009).

Conforme Âgulo (2007, p.128):

As mudanças sustentam-se em visões morais de melhora, ou seja, em valores, formas de convivência e escolhas que realizam as coletividades (e inclusive, nas omissões que realizam ativamente). Contrariar esse substrato é tentar ocultar a própria raiz da ação humana, mas assumi-lo supõe aceitar o debate e a discussão sobre o que significa ao menos para a coletividade, para a comunidade e para a sociedade onde está situada, uma educação de qualidade.

Portanto os descritores pesquisados no presente trabalho evidenciam, o compromisso assumido com a democratização do ensino, indicando que é necessário se investir na construção de propostas de avaliação, porém nada adianta mudar as formas de avaliar, senão mudarmos as práticas escolares. Ou seja, é importante que o docente aprenda a tra-

balhar com esta nova clientela, que deixe de ver a avaliação como um processo “neutro”, já que em qualquer nível de ensino que ela opera, ela está sempre a serviço de um projeto ou tendência pedagógica, já que é fundamentada pelas concepções que fundamentam a proposta de ensino que o docente sustenta, como afirma Caldeira (2000) a avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma. Ela está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica. (p. 122) “a escola deixou de ser aquele local apenas de transmissão de conhecimento e seu aluno não é mais aquela criança passiva que apenas recebe informação”.

Ou seja, a avaliação institucional está ligada a fatores que vão além dos muros escolares, que não podem ser esquecidos, como os processos de aprendizagem dos alunos, a partir do momento que traz para discussão situações problematizadoras da sala de aula, potencializando o compromisso dos professores com o direito de aprender dos alunos. Assim, o papel do educador tornou-se mais importante frente ao novo perfil de estudante que se tem nas escolas. Cabe a instituição escolar e ao professor formularem um projeto pedagógico que seja capaz de envolver todos os envolvidos com o comprometimento com a aprendizagem dos alunos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo possibilitou um olhar mais observador e diversificado com relação à avaliação como um campo abrangente divididas em subáreas (GATTI, 2000) com características diferenciadas, como a avaliação da aprendizagem institucional, levantando questões sobre os objetivos da prática avaliativa e docente que fazem parte da ação pedagógica.

Avaliar é julgar algo ou alguém quanto ao seu valor. Avalia-se a ação por tudo que a concretiza, as ideias e conceitos, os meios, os instrumentos, os programas, os desempenhos e os resultados. Não é mera ação executora, mas uma nova reflexão sobre a ação para reordenar o processo. Por isso as dinâmicas avaliativas pertencem muito mais ao durante do que ao após.

Os trabalhos analisados evidenciaram dois grandes blocos de entendimento. O primeiro, que a autonomia do professor na prática avaliativa não permite que apenas ele possa decidir algo que afete diretamente outros indivíduos, portanto ele deve usar a avaliação para produzir melhorias, capaz de criar uma escola comprometida com a aprendizagem; e segundo avaliar os estudantes e o quanto aprenderam é atividade inerente ao trabalho docente e constitui a cultura escolar já incorporada pelos alunos e famílias, no entanto a avaliação da aprendizagem é uma categoria constitutiva do trabalho pedagógico e possui uma alta força indutora nas formas de agir dos atores escolares, como afirmam Ludke & Sordi (2009), esta cultura da avaliação nos ajuda a compreender, não a justificar, as recusas de alguns professores em discutir suas práticas pedagógicas, indo de encontro ao discurso do trabalho coletivo presente nas escolas, a autonomia docente não pode ser confundida com a prerrogativa de decidir, por si só, algo que afeta o bem comum e marca o projeto pedagógico da escola.

Através da análise podemos observar que avançamos, passo a passo é fato, mas neste caminhar obtivemos conquistas importantes, como a redução da repetência e da evasão escolar nos últimos anos. Relatos de escolas e professores que tem apostado em ensaios da avaliação mediadora, que acabam gerando reflexões, ações e mudanças que contribuem para uma educação de qualidade (HOFFMANN, 2014).

No que diz respeito às políticas públicas, os trabalhos analisados ressaltam o aumento das avaliações externas nos últimos anos, através do Instituto Nacional de Educação e Pesquisas (INEP), tanto das institucionais como das individuais. Caldeira (2000) afirma que essas avaliações estão ligadas a interesses que contam com uma forte presença de organizações internacionais de caráter neoliberal<sup>2</sup> como o Banco Mundial e o Fundo Monetário de Investimentos, associados a um caráter mercantilista da educação, tais interesses estão preocupadas com o aumento de índices, e são estruturadas por metodologias aplicadas para produção de medidas, desenvolvidas a partir de provas e testes padrões, com o objetivo de medir e classificar o desempenho de alguém ou de alguma instituição.

<sup>2</sup> Esse processo de reestruturação, citado acima, deve ser entendido como uma nova fase do capitalismo. A partir da década de 1970, o mundo passou a presenciar uma crise do modo de produção capitalista, que levou a transformações na produção da vida material objetiva e subjetiva. Tais mudanças “ocorrem na esfera do Estado, da produção, do mercado e também no âmbito ideológico-político-cultural, em consequência dos processos de Reestruturação Produtiva, da Globalização e do Neoliberalismo” (PERONI, 2006, p. 11).

Tais avaliações apresentam duas realidades. A primeira é que ela acontece num contexto político, pois tem como objetivo emitir um parecer dos resultados, para uma possível tomada de decisão, podendo ou não, legitimar programas ou produções. A segunda, implica na melhoria do processo educacional, estabelecendo uma Base Nacional Comum Curricular, parâmetros para escolha do livro didático, programas para formação continuada de professores e a avaliação nacional das escolas. Caldeira (2000, p. 32) coloca que tais elementos surgem como “[...] a solução para todos problemas da educação brasileira, gerando movimento ‘marqueteiro’, gerando a impressão de que agora sim a educação estaria em patamares de qualidade”. Entende-se, portanto, conforme Brandão (2015) que, sem uma reflexão da própria escola sobre suas potencialidades e fragilidades, a avaliação externa se reduz à mera atividade técnica e mecanicista, cujos critérios de eficiência, eficácia e produtividade acabam por direcionar todo o processo educativo.

Diante dessas modificações e implementações no ensino, a sociedade e os educadores apresentaram certa inquietação, sobretudo, nas mudanças que se referiram à avaliação, pois ameaçavam a estrutura da escola brasileira, fundamentada nos princípios: elitistas, excludentes e classificatórios. Esse frenesi da “sociedade excludente” fez surgir diversos pareceres e resoluções políticas para complementarem a LDBEN/96, ocasionando assim, várias e confusas interpretações da legislação. “Sem dúvida, uma prática avaliativa classificatória e eliminatória na escola pública continua sendo uma das maiores responsáveis, no país, pela exclusão social e manutenção das desigualdades sociais” (HOFFMANN, 2014, p. 68).

Fica claro então que a avaliação da aprendizagem predominante, na maioria das nossas escolas, ainda é fundamentada no ensino das práticas tradicionais, marcado pela memorização dos conteúdos, pelo uso excessivo do livro didático, pelo desenvolvimento dos conteúdos extremamente teóricos, pela utilização descontextualizada e estereotipada dos instrumentos de avaliação e que tem como objetivo conferir se os alunos foram capazes de reproduzir o que foi dado em sala de aula (RABELO, 2010).

A concepção tradicional de educação está diretamente ligada à avaliação classificatória, que avalia todos os alunos de uma mesma forma, igualmente, como se todos os en-

volvidos no processo pensassem e se comportassem da mesma forma, desconsiderando o desenvolvimento integral dos estudantes e de suas habilidades. A avaliação da aprendizagem é uma prática contínua e dinâmica que faz parte do processo de ensino-aprendizagem. Seu papel é de diagnosticar e acompanhar a evolução e as hipóteses dos alunos na questão da aprendizagem, ou seja, ela contribui e estimula o educando para superar as dificuldades encontradas ao longo do processo. Avaliar é buscar compreender as necessidades dos alunos, para favorecer o seu desenvolvimento (LUCKESI, 1998)

Defendemos que a partir da reflexão e do entendimento dos autores entende-se que uma prática educativa voltada para construção do saber e na correlação do processo ensino e aprendizagem está imbricada diretamente as concepções educacionais do sistema escolar e da prática pedagógica do professor, e que essa postura acaba refletindo no processo de avaliar. Com certeza é preciso mudar as práticas avaliativas classificatórias, porém para que realmente a transformação aconteça, todo sistema educacional, que ainda é pautado por hierarquias, seriação, seleção e fracassos, também deve ser modificado (PERRENOUD, 1999).

Portanto, a partir destas reflexões, concluímos com a certeza cada vez maior do compromisso que temos, como profissionais da educação e seres sociais em desenvolver práticas fundamentadas na prática da ação do sujeito, tornando-o protagonista do processo. Reflexões como essas deveriam acontecer no chão da escola, pois oportunizam os professores a pensar e repensar suas práticas. Indo além dos instrumentos que utilizam para avaliar seus alunos (como provas escritas, elaboradas com questões superficiais ou de decorar que devem ser resolvidas em dias e espaços pré-determinados com tempo limitado), contestando suas concepções, ações e atitudes em sala de aula.

Ao finalizar este texto, consideramos analisar o impacto que a avaliação da aprendizagem traz para a prática pedagógica dos docentes quando ela traz vários elementos que o faz (re) pensar e refletir sobre a sua prática pedagógica. Entendemos que tudo isso exige uma grande mudança dos educadores, porém é preciso mudar a prática e os processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos nas escolas.

## REFERÊNCIAS

ÂNGULO, Felix R. **O planejamento da qualificação da escola: o leigo graal da mudança educacional.** In: MURILLO, F.J.; REPISO, M. M et AL. **A qualificação da escola. Um novo enfoque.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -9394/96,** de 20 de dezembro de 1996.

CHUEIRI, M. S. F. Concepções sobre avaliação escolar. **Estudos em Avaliação Educacional,** v. 19, p. 49 -64, 2008.

FERREIRA, N. S. A. **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”.** Educação e Sociedade, Campinas, SP, v. 23, n. 79, 2002.

GATTI, B. **Avaliação educacional no Brasil: pontuando uma história de ações Eccos Revista Científica,** vol. 4, núm. 1, junho, 2002.

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** 6ª ed. São Paulo. Editora Ática, 2002.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré – escola à universidade.** 21ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 1993.

\_\_\_\_\_, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

\_\_\_\_\_, Jussara. **Avaliação - mito e desafio: uma perspectiva construtivista.** 41ª ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2003.

\_\_\_\_\_. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré- escola à universidade.** 26ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 8ª ed. São Paulo: editora Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 15ª ed. São Paulo: Cor-

tez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem na escola:** reelaborando conceitos e recriando a prática. 2ªed. Salvador: Malabares: 2005.

\_\_\_\_\_. Cipriano Carlos. **Prática escolar:** do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude. In: LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

NETO, A L. G. C.; AQUINO, J. de L. F. A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica? **Educação em Revista**, vol. 25, nº 2, p. 1-13, Belo Horizonte, 2009.

PENIN, Sonia. **Repetência escolar: há ganhos? – IESDE.** Curitiba – Paraná. 2001.

PERRENOUD, Philippe. **A construção do êxito e fracasso escolar.** Madrit. Editora Morata, 1993.

RABELO, Mauro Luiz, SOARES, Pollianna Galvão. Como avaliar? Matriz de referência para a construção de instrumentos de avaliação. **Pesquisa & Avaliação:** Revista do professor Avalie 2009, Brasília, p. 12-21, 2011.

\_\_\_\_\_, P. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

SORDI, M. R. L. de.; LUDKE, M. **Da avaliação da Aprendizagem à avaliação institucional: aprendizagens necessárias.** *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v.14, nº 2, p. 1-17, julho de 2009.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; GAUTHIER, C. **Formação dos professores e contextos sociais.** Porto: Rés, 2001.

TENTI FANFANI, E. **Introdución: Mirar a escuela desde afuera.** In TENTI FANFANI, E. (comp.). *Nuevos temas em la agenda de política educativa.* Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008. p. 11-26.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portifólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico**. Campinas: Papyrus, 2006.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de F. (org.) **Virando a escola do avesso por meio da avaliação**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2009 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

ZAMBONE, Gisele. O processo de avaliação nas aulas de Geografia. **Revista Brasileira de educação em Geografia**, Campinas, v. 2, n. 4, p. 129-149, jul./dez., 2012.

Artigo recebido em: 02/08/2018

Artigo aprovado em: 14/11/2018